

## Arquitetura Urbana do Café em Muqui-ES das décadas de 1920 a 1970

### Urban Architecture of Coffee in Muqui-ES from the 1920s to the 1970s

DOI:10.34117/bjdv7n4-555

Recebimento dos originais: 07/03/2021

Aceitação para publicação: 22/04/2021

#### **Leoni Rigoni Salarolli**

Pós-graduado em Arquitetura e Ambiente Urbano  
Faculdade Multivix Serra. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Rua Barão do Rio Branco, Colina de Laranjeiras, Serra – ES  
E-mail: leoni.salarolli@hotmail.com

#### **Mariana Cardoso Pereira**

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo – PPGAU  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Av. Fernando Ferrari, Goiabeiras, Vitória – ES  
E-mail: maricardosop@hotmail.com

#### **Genildo Coelho Hautequestt Filho**

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal Fluminense-UFF, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e  
Urbanismo-PPGAU. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Rua Passo da Pátria, São Domingos, Niterói, RJ  
E-mail: genildocoelho@yahoo.com.br

#### **RESUMO**

O município de Muqui, localizado no sul do estado do Espírito Santo, foi ocupado a partir do segundo quartel do século XIX no processo de expansão da cultura cafeeira carioca e mineira. A cidade, que surgiu na década de 1880, teve sua estrutura urbana consolidada ao longo do leito da ferrovia Leopoldina Railway, que ligou a região ao Rio de Janeiro a partir de 1901. A ligação com a capital federal fez com que a produção arquitetônica de Muqui seguisse os padrões estéticos lá vigentes, em especial o ecletismo tardio, o protomodernismo e o modernismo, entre as décadas de 1920 e 1970. A ligação comercial e cultural com a capital federal, juntamente com os excedentes de capitais gerados pela cultura do café, fez com que houvesse um rápido desenvolvimento urbano da região, o que gerou um dos mais significativos acervos patrimoniais do Espírito Santo, que hoje encontra-se tutelado pelo Estado. Esta pesquisa lança o olhar sobre este acervo, com o objetivo de melhor compreender a organização funcional dessas casas, que poderá indicar as mudanças na forma de morar durante os 50 anos de produção arquitetônica estudados. Para realizar esta investigação foram inventariadas 27 das 445 edificações do centro histórico, que foram organizadas em dois períodos históricos, o primeiro que vai de 1920 a 1935 e o segundo que vai de 1936 a 1976, e divididas em três tipologias: casas residenciais térreas, casas térreas mistas e sobrados. A análise focou principalmente no esquema funcional destas edificações, o que nos permitiu discutir como as mudanças dos

padrões estéticos e sociais se refletiram na forma de morar causando, conseqüentemente, alterações no espaço funcional das casas.

**Palavras-chave:** Arquitetura do café, Arquitetura residencial, Arquitetura vernacular, Tipologia arquitetônica.

## ABSTRACT

The city of Muqui, located in the south of the state of Espírito Santo, was occupied from the second quarter of the nineteenth century in the expansion process of the coffee culture from Rio de Janeiro and Minas Gerais. The city, which appeared in the 1880's, had its urban structure consolidated along the Leopoldina Railway railroad, which connected the region to Rio de Janeiro from 1901 on. The connection with the federal capital made Muqui's architectural production follow the aesthetic patterns prevailing there, especially the late eclecticism, the protomodernism, and the modernism, between the 1920s and the 1970s. The commercial and cultural connection with the federal capital, along with the capital surplus generated by the coffee culture, led to a rapid urban development of the region, which generated one of the most significant heritage collections of Espírito Santo, which today is protected by the State. This research looks at this collection, aiming to better understand the functional organization of these houses, which can indicate the changes in the way of living during the 50 years of architectural production studied. To carry out this investigation, 27 of the 445 buildings of the historic center were inventoried, which were organized in two historical periods, the first one from 1920 to 1935 and the second one from 1936 to 1976, and divided into three typologies: single-story residential houses, mixed single-story houses, and townhouses. The analysis focused mainly on the functional scheme of these buildings, which allowed us to discuss how the changes in aesthetic and social standards were reflected in the way of living causing, consequently, changes in the functional space of the houses.

**Keywords:** Coffee architecture, Residential architecture, Vernacular architecture, Architectural typology

## 1 INTRODUÇÃO

A constituição do município de Muqui, localizado no sul do estado do Espírito Santo, foi diretamente influenciada pelo ciclo do café, a partir do segundo quartel do século XIX. Neste período, muitos fazendeiros do Vale do Rio Paraíba e da Zona da Mata Mineira migraram para a região em busca terras ainda devolutas, e esta ocupação fez com que ela se tornasse grande produtora de café, propiciando um período de pujança econômica.

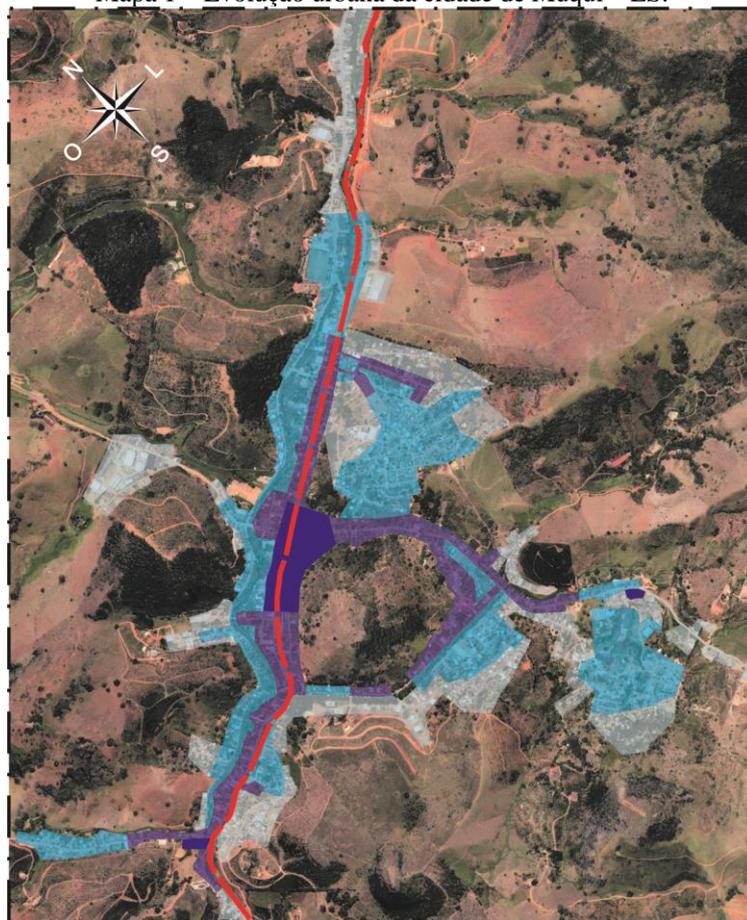
A chegada da Ferrovia Leopoldina Railway no ano de 1901 foi fator norteador para a evolução urbana da cidade de Muqui, pois, além de melhorar o escoamento da produção cafeeira, fomentou o crescimento do pequeno núcleo urbano iniciado nas últimas décadas do século XIX, conforme podemos verificar no Mapa 1. A ferrovia possibilitou à cidade uma conexão direta com a capital federal, Rio de Janeiro, atraindo

construtores e artistas, muitos deles estrangeiros, o que influenciou diretamente a produção arquitetônica de Muqui que buscava, dentro da disponibilidade de recursos dos fazendeiros e comerciantes, imitar a capital, seguindo os padrões estéticos da época.

Esta pesquisa tem como ponto de partida os levantamentos arquitetônicos das edificações do centro histórico de Muqui realizados por Genildo Coelho Hautequest Filho, um dos autores desta reflexão, e publicados em *Arquitetura Urbana do Café em Muqui-ES* no ano de 2019. Assim como no estudo anterior, lançamos um olhar sobre as edificações tuteladas do sítio histórico de Muqui, para que possamos melhor compreender a organização funcional dessas casas, que poderão indicar as mudanças na forma de morar durante os 50 anos de produção arquitetônica estudados. Para a pesquisa, foram inventariadas 27 das 445 edificações tombadas na cidade, construídas e/ou reformadas entre as décadas de 1920 e 1970. A escolha deste intervalo temporal, deve-se ao fato de que as edificações anteriores a este período foram todas “modernizadas” a partir dos anos 1920, não restando mais na cidade, exemplares do período anterior.

Para melhor compreender a produção arquitetônica local, foi necessário estudar o processo de formação da cidade de Muqui, identificando suas edificações quanto as tipologias e ao período em que foram construídas. A partir do levantamento arquitetônico de uma amostra dessas edificações, foi possível compreender o programa e a organização funcional, além de coletar dados referentes às áreas de cada um dos setores das residências: social, íntimo e serviço.

Mapa 1 – Evolução urbana da cidade de Muqui – ES.



0 200 800 (m)  
100 400

**Legenda**

- - Linha férrea;
- - Até a década de 1940;
- - Até 2019;
- - Século XIX;
- - Até 1978;

Fonte: HAUTEQUESTT FILHO, 2019, p. 46.

Partimos da compreensão, conforme nos ensina Carlos Alberto Cerqueira Lemos (1985), de que o ato de morar é uma manifestação eminentemente cultural e, por isso, nele está compreendido o “saber fazer” de determinada sociedade. Compreendemos também que são as relações familiares que determinam a forma de organização das atividades domésticas, que podem ser agrupadas em espaços de repouso noturno, serviços em geral e de convívio social, que em síntese seriam: o quarto, a cozinha e a sala de estar.

Como o objeto de interesse desta pesquisa é a casa, as edificações foram divididas nas três tipologias residenciais existentes na cidade: casas residenciais térreas, que possuem apenas a função residencial, casas térreas mistas, que possuem as funções comercial e residencial no mesmo pavimento, e sobrados, que possuem a função comercial no térreo e a residencial no segundo pavimento. Os exemplares dessas tipologias foram organizados em dois intervalos temporais identificados no processo de

desenvolvimento urbano da cidade, que possui uma estreita vinculação com importantes fatos da história nacional: o período que vai de 1919 a 1935, quando houve uma produção arquitetônica seguindo os moldes da arquitetura eclética tardia, e o que vai de 1936 a 1976, no qual se evidenciou a produção da arquitetura nos moldes do protomodernismo e modernismo, também tardios (HAUTEQUESTT FILHO, 2019). A separação nestes dois períodos temporais tem como objetivo buscar nos estilos arquitetônicos e nos aspectos sociais, econômicos e tecnológicos da época, as respostas às alterações na forma de morar.

Comprendemos o edifício como uma apropriação do espaço, a partir da combinação de massas internas e externas construídas.

[...] há casos em que a composição exterior nos dá informações imediatas sobre a forma como está organizado o seu conteúdo. Contudo, esta regra não é sempre válida. [...] É talvez, contudo, na massa interna que reside a originalidade profunda da arquitetura, enquanto tal. É ao dar uma forma definida a este espaço interior que ela verdadeiramente cria o seu universo próprio (FOCILLON, 1988, p. 39).

Para melhor entender a organização espacial das casas, partimos do estudo não somente de seu tratamento estético - resultado da época em que foram edificadas -, mas, principalmente, de suas plantas baixas que podem nos fornecer os indícios de suas alterações funcionais. Através do método quantitativo, dividimos e quantificamos as áreas de cada um dos três setores estudados, gerando tabelas com áreas médias por setor de cada tipologia e de cada um dos dois períodos analisados. Dessa maneira, conseguimos através da comparação entre as mesmas tipologias de períodos diferentes, compreender quais foram as principais alterações funcionais e/ou estéticas ocorridas no período estudado. É importante salientar que os dados referentes ao setor comercial não foram levados em consideração nesta pesquisa, que teve seu principal foco na moradia.

Por sua ligação direta com a capital federal, a arquitetura produzida em Muqui entre as décadas de 1910 e 1930 vai seguir, com certo atraso temporal, o padrão do ecletismo tardio carioca (imagens 2, 4 e 6), mas também será influenciada, a partir da segunda metade da década de 1930, pelo protomodernismo (imagem 7), e, a partir da década de 1950, pelo modernismo (imagem 3). Obviamente, com raras exceções, tratam-se de manifestações vernaculares desta arquitetura. Conforme destaca Carlos Lemos (1985), a média burguesia em suas construções, possuía intenção imitativa fomentada pelo desejo de ascensão social, na qual, dentro das possibilidades, construía uma arquitetura vernacular, próxima à arquitetura produzida pelas classes mais abastadas.

A arquitetura produzida na cidade foi fruto de autoconstrução e valeu-se de apropriações locais que acabou conferindo-lhe características próprias e, “um dos aspectos que caracterizam a arquitetura vernacular é o seu enraizamento no ambiente em que se insere. Assim, a arquitetura vernacular está ligada às características históricas locais [...]” (CASTRO; REIS, 2020, p. 2079).

Uma novidade surgida com a arquitetura eclética, que também pode ser observada em Muqui, foi a definição de critérios de circulação na casa, onde havia a intenção, principalmente nas residências de famílias mais abastadas, de proporcionar total independência entre as três zonas da residência: áreas de repouso, estar e de serviço. Estes setores deveriam estar expostos de maneira que o acesso entre dois setores fosse possível sem que houvesse a necessidade de deslocamento por um terceiro (LEMOS, 1996), como pode ser observado nas Casas Bigli, Martha Rodrigues e Elias J. Haddad (Imagens 2, 4 e 6).

A arquitetura protomoderna é considerada uma arquitetura de transição entre o Eclético e o Moderno, onde o desprendimento com as formas do passado é evidenciado pela busca de um novo vocabulário ornamental que enfatizasse o presente, para isso, carecendo da necessidade de uma purificação da forma, que permitiria o retorno à simplicidade da geometria, tornando a forma da edificação mais importante do que sua ornamentação. Algumas inspirações modernistas já estavam presentes neste período, como o domínio técnico da estrutura em concreto armado que possibilitou a construção de estruturas expressivas em balanço, o desapego com a arquitetura do passado e o desinteresse com a ornamentação das fachadas (SÁ, 2005). Em Muqui, essas mudanças estéticas não surtiram grandes reflexos nos esquemas funcionais das casas. Tais modificações foram observadas com mais intensidade no período posterior, já nos anos 1950, com o surgimento das suítes e a definitiva separação dos banheiros das cozinhas, por exemplo.

O movimento moderno surge como resposta formal em contraposição ao ecletismo, no qual, pela primeira vez na história da arquitetura ocidental, ocorre o desprendimento com a ornamentação. O modernismo enfatizou a funcionalidade, que explicava a escassez de ornatos, e a verdade estrutural dos materiais, compreendendo um período no qual, com a facilidade advinda da eletricidade, a máquina passou a ser utilizada como auxílio para a produção arquitetônica (SÁ, 2005), e também em atividades cotidianas ocasionando, por exemplo, profundas modificações nas cozinhas com a

substituição dos fogões a lenha pelos fogões a gás, além do surgimento de diversos outros eletrodomésticos.

Vale destacar que, em paralelo ao desenvolvimento industrial, o intercâmbio tecnológico e as mudanças no modo de vida, comuns aos setores mais internacionalizados da sociedade, impulsionavam em direção a uma nova cultura que refletisse as contingências de seu tempo [...]. O moderno, para o movimento da arquitetura, transcendia o debate entre “estilos” formais. Tratava-se de uma nova visão sobre a cidade e a própria sociedade que se pretendia desenvolver, educar, civilizar (CORDEIRO, 2019, pag. 13439).

Sendo assim, podemos observar que as mudanças decorrentes desse processo não ficaram restritas apenas às alterações estéticas, uma vez que os avanços tecnológicos, em conjunto às mudanças sociais, possibilitaram alterações, tanto nos tamanhos dos cômodos, como na configuração espacial das casas. Buscando compreender de que forma tais alterações ocorreram nas casas de Muqui, para este estudo, elas foram classificadas de acordo com suas tipologias e períodos em que foram construídas.

## **2 TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS RESIDENCIAIS EM MUQUI**

Tendo como foco a casa e suas alterações ao longo do tempo, este estudo, como já dito, privilegiou apenas as tipologias residenciais existentes no centro histórico da cidade: casas residenciais térreas, casas térreas mistas e sobrados. Apesar disso, é importante destacar a existência de outras tipologias como edificações religiosas, galpões comerciais, edifícios institucionais, dentre outras (HAUTEQUESTT FILHO, 2019).

Compreendemos que uma obra arquitetônica, como fruto da consciência coletiva e do tempo, possui um conceito central ao qual todos os seus elementos estão subordinados. Para compreendê-la é necessário estudar suas formas, seus materiais, sua inserção no tecido urbano e, é claro, o atendimento às necessidades humanas que são decorrentes dos costumes e da vida doméstica. As mudanças no espaço arquitetônico possibilitam a leitura da evolução histórica e social de uma determinada comunidade.

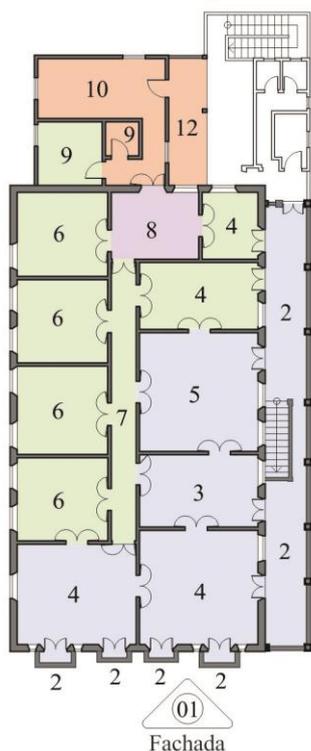
É o tipo que permitirá ao homem pensar em grupo, porque problemas semelhantes são solucionados com formas semelhantes, por isso, é possível utilizar edificações individuais para ilustrar princípios mais genéricos da arquitetura. Tipologia seria então “a ideia de um elemento que desempenha um papel próprio na constituição da forma que é uma constante” (ROSSI, 2001, p. 25), sendo a essência da arquitetura.

A cidade possui a característica de ser um organismo vivo, onde nem tudo permanece, mas, são as permanências, sinais físicos do passado, que continuam sendo

experimentadas e ressignificadas pelas gerações presentes. Portanto, é natural que as casas continuem se adaptando ao tempo e sendo constantemente alteradas a cada surgimento de uma nova necessidade da família. Em Muqui, embora a grande maioria das edificações residenciais tenham permanecido como tal, elas sofreram pequenas modificações. Nos levantamentos arquitetônicos realizados para esta pesquisa consideramos, sempre que possível, as plantas e fachadas originais.

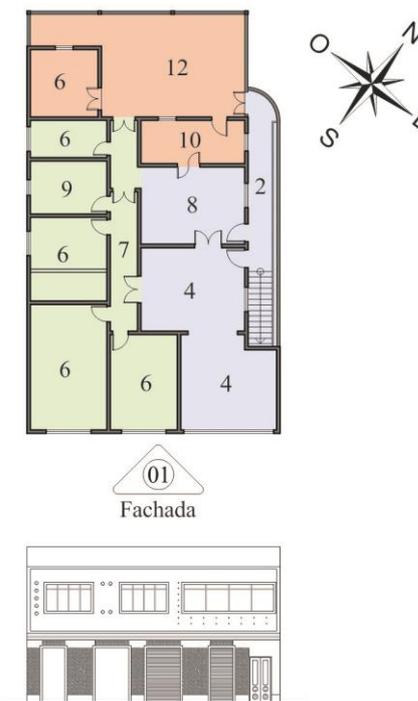
Os sobrados, tipologia de moradia característica das famílias que possuíam maior poder aquisitivo na cidade, eram edificados por construtores mais especializados, consequentemente, detinham uma maior proeminência sobre as demais edificações. Seu pavimento térreo era destinado ao uso comercial com lojas e/ou depósitos, e o pavimento superior era designado a residência, que possuía um acesso independente do cômodo comercial. Como exemplo desta tipologia destacamos a Casa Bigli (Imagem 2) e a Casa João Nunes (Imagem 3), ambas de períodos distintos, sendo a primeira um exemplar eclético e a segunda, moderno. Nesta tipologia, destacam-se os palacetes, que eram edificações com maior requinte estético, cuja implantação se dava em locais de destaque na cidade, fatores que exaltavam o poder aquisitivo dessas famílias.

Imagens 2 e 3 – Planta baixa e fachada principal das Casas Bighi (1927) e João Nunes (1954).  
Casa Bighi - 1927 Casa João Nunes - 1954



PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO E  
FACHADA FRONTAL 01  
ÁREA: 291,32 m<sup>2</sup>  
0 1 2 3 4 5 10 (m)

Fonte: HAUTEQUESTT FILHO, 2019, p. 111 e 118.



PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO E  
FACHADA FRONTAL 01  
ÁREA: 190,11 m<sup>2</sup>  
0 1 2 3 4 5 10 (m)

#### Legenda

- 1 Jardim; 2 Varanda/alpendre; 3 Hall;
- 4 Sala; 5 Sala de jantar; 6 Quarto;
- 7 Corredor; 8 Copa; 9 Banheiro;
- 10 Cozinha; 11 Despensa/depósito;
- 12 Área de serviço; ■ Parede original;
- Parede nova;

Com raras exceções, as casas térreas residenciais pertenciam a famílias com um pouco menos de posses do que as famílias que moravam nos sobrados ou palacetes e, por isso, possuem uma arquitetura um pouco menos requintada, como pode ser observado nas casas Martha Rodrigues e Léia Fragozo (imagens 4 e 5). Já as casas térreas mistas, eram ainda mais simples, pertencendo a famílias que muitas das vezes precisavam dividir o local de moradia com o local de trabalho, como podemos observar nas casas Elias J. Haddad e João Batista Félix (Imagens 6 e 7). Em função disso, muitas dessas edificações são resultado de reformas posteriores à construção original. Para melhor compreensão

dessas edificações estudaremos seus esquemas funcionais, tendo como base seus levantamentos arquitetônicos.

Imagens 4 e 5 – Planta baixa e fachada principal das Casas Martha Rodrigues (1932) e Léia Fragoso (1956).  
Casa Martha Rodrigues - 1932



01  
Fachada



PLANTA BAIXA E  
FACHADA FRONTAL 01

ÁREA: 91,50 m<sup>2</sup>

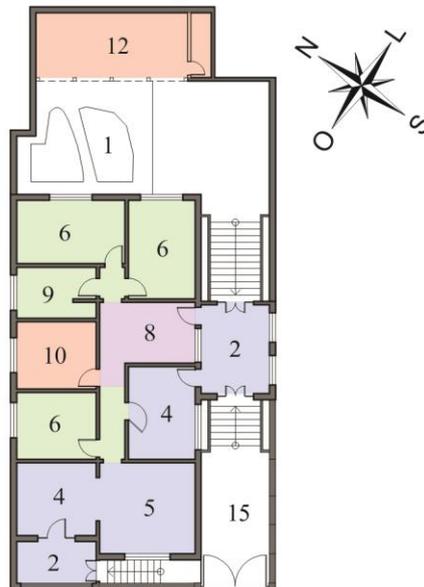
0 1 2 3 4 5 10 (m)

**Legenda**

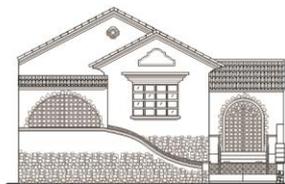
- 1 Jardim; 2 Varanda/alpendre; 3 Hall;
- 4 Sala; 5 Sala de jantar; 6 Quarto;
- 7 Corredor; 8 Copa; 9 Banheiro;
- 10 Cozinha; 11 Despensa/depósito;
- 12 Área de serviço; 13 Comércio;
- 14 Escritório; 15 Garagem;  Parede original;  Parede nova;

Fonte: HAUTEQUESTT FILHO, 2019, p. 85 e 95.

Casa Léia Fragoso - 1956



01  
Fachada

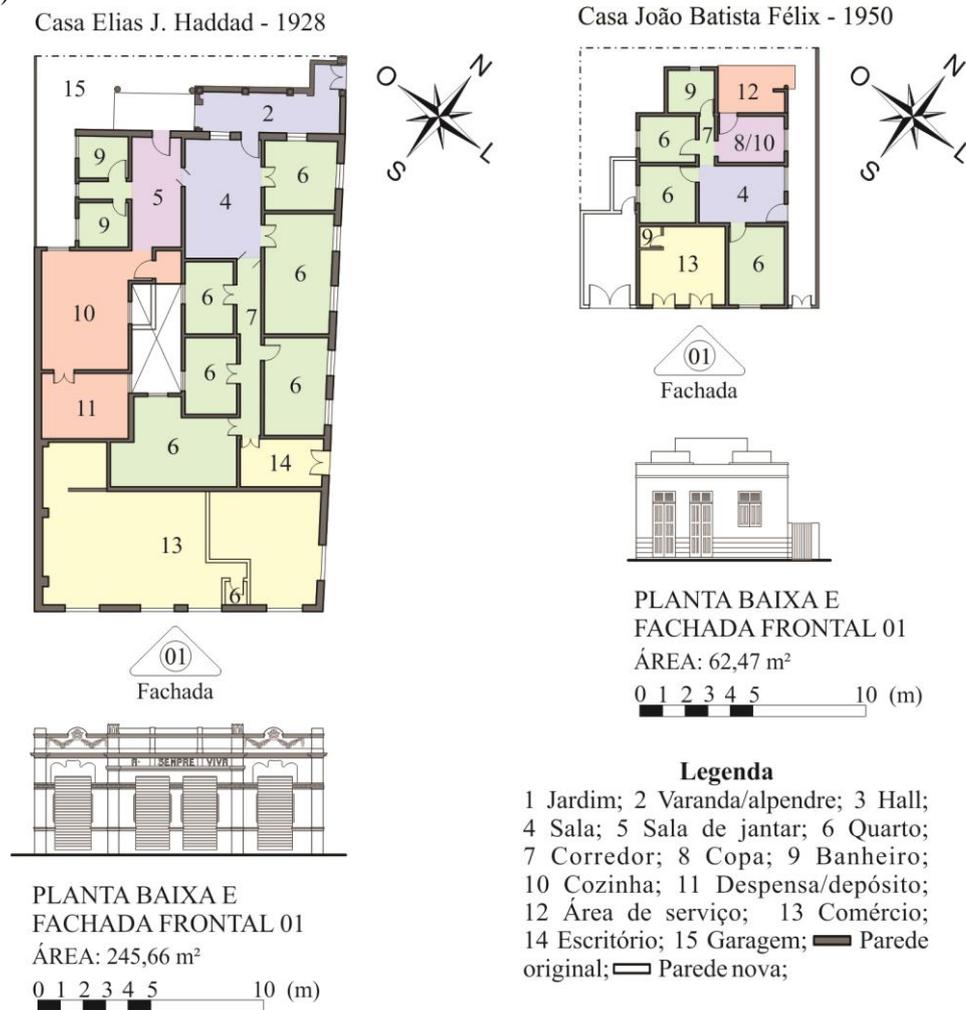


PLANTA BAIXA E  
FACHADA FRONTAL 01

ÁREA: 154,11 m<sup>2</sup>

0 1 2 3 4 5 10 (m)

Imagens 6 e 7 – Planta baixa e fachada principal das Casas Elias J. Haddad (1928) e João Batista Félix (1950)



Fonte: HAUTEQUESTT FILHO, 2019, p. 103 e 107.

### 3 ANÁLISE DOS ESQUEMAS FUNCIONAIS DAS EDIFICAÇÕES RESIDENCIAIS ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 A 1970

Para a análise do esquema funcional de uma edificação é necessário estudar a setorização de seus cômodos de acordo com suas principais funções. Quando se trata de uma residência, esses setores podem ser divididos em social, íntimo e serviço. O setor social é o responsável por fazer a transição do exterior para o interior e também deve refletir “para o visitante o asseio, as poses e a disciplina da família” (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.57), sendo compreendido pelos seguintes cômodos: varanda ou alpendre, hall, sala de estar e sala de jantar. Este setor passou por um significativo processo de mudanças decorrentes da facilidade de acesso a produtos industrializados europeus, sendo os espaços mais requintados das casas. As aparências e o bem receber eram as características desta sociedade. Em Muqui, o hóspede para acessar a casa deverá passar por um bem cuidado “jardim francês”, seguir para uma varanda ou alpendre que

nas casas de famílias mais abastadas ostenta uma pintura parietal de um dos artistas estrangeiros que atuou na região ou mesmo azulejos ricamente decorados. Daí ele passa por um pequeno hall ou acessa diretamente a sala de visitas. O cronista Rubem Braga, em *Receita de Casa* (1946) descreve assim esta sala:

Seu lugar natural é ao lado da sala de jantar. E deve ter móveis incômodos e bem envernizados, e deve permanecer rigorosamente fechada através das semanas e dos meses. Naturalmente se abre para receber visitas, mas as visitas dessa categoria devem ser rigorosamente selecionadas em conselho de família. As crianças jamais devem entrar nessa sala, a não ser quando chamadas expressamente para cumprimentar as visitas (BRAGA, 2004, p.72).

Assim como a sala de visitas, a sala de jantar também era considerada um importante ambiente nas residências das famílias mais ricas, pois era nela que a família ostentava a sua riqueza para a sociedade por meio de objetos de cristal, quadros e mobílias (SCHETTINO, 2012).

O setor íntimo é composto pelos ambientes como banheiro, corredor e quartos, onde somente a família tem acesso, tornando-se uma área desconhecida aos visitantes. Normalmente esses são ambientes muito simples, se comparados aos do setor social.

Ao entrarmos no setor íntimo, estamos penetrando em desconhecido universo velado, preconceituoso, repleto de símbolos e tabus raramente revelado a visitantes, elementos estranhos ao seio da família. [...] Não esqueçamos de que, para adentrarmos nesse setor, são necessários o convite e a autorização da família, pois trata-se de desvendar, por vezes, os mais recônditos segredos, às vezes revelado num retrato na parede ou num camafeu esquecido por sobre o tocador (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.88).

As mulheres da casa possuíam importante relação com o setor íntimo pois, em muitos dos casos, ficavam reclusas nesses ambientes sobre a vigilância dos seus familiares homens.

O homem tentava de todas as formas preservar a mulher, sendo ela sua esposa, filha ou parenta, de estranhos. Esta prática social em que a mulher deveria ficar em casa saindo apenas em ocasiões determinadas e, ainda assim, somente acompanhadas, ficando restrita sua circulação dentro de casa a alguns cômodos, influenciou na distribuição dos ambientes residenciais (SCHETTINO, 2012, p.80).

Em Muqui, o Código de Posturas do ano de 1912, determina que os banheiros passariam a ser obrigados a possuir latrina e os ambientes destinados a dormida deveriam obrigatoriamente ter janelas, para sua ventilação (GOVERNO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO MUQUY, 1912), esta legislação causará a transformação das antigas salas de

banho do século XIX em banheiros com água encanada que ficaram cada vez menor com o passar do tempo.

O setor de serviço é composto pelos cômodos como cozinha, despensa/depósito, área de serviço e, em alguns casos, dependências dos empregados (quartos e banheiros). Este setor pode ser considerado um dos mais importantes das residências das famílias menos abastadas, pois é onde normalmente a família passa seu maior tempo exercendo as atividades do cotidiano.

[...] é possível entender muito da intimidade da família, pois, mais do que no setor íntimo, é aqui que os hábitos sociais se revelam com mais clareza, sem a máscara utilizada pelos atores quando desempenham seus papéis no setor social (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.107).

É notória a importância exercida pela mulher no setor de serviço. Antes da abolição da escravidão no Brasil, a mulher branca pouco estava presente neste ambiente para o exercício das atividades domésticas, uma vez que tais atividades eram realizadas pela mulher negra escravizada. Porém, após a abolição da escravatura e com a chegada dos imigrantes, as atividades domésticas das residências passaram a ser realizadas preferencialmente pelas imigrantes, como empregadas nas famílias mais abastadas, ou pela própria dona de casa nas famílias mais pobres.

Durante o estudo, pudemos observar em algumas casas a presença de cômodos onde existe a sobreposição dos setores de convívio e serviço, como a copa, ou a copa/cozinha e, em alguns casos, até com a sala de jantar. A copa é o local onde geralmente a família se reúne para as refeições informais.

O setor comercial está presente nas tipologias casas térreas mistas e sobrados e são compostos por lojas ou depósitos, normalmente de café, e cômodos relacionados ao comércio específico do imóvel, entretanto, este setor não foi objeto deste estudo.

Para que possamos analisar as mudanças ocorridas na organização funcional das casas de Muqui, também é necessário considerar que as edificações estudadas foram construídas em períodos históricos diferentes, em que aconteceram importantes mudanças econômicas, sociais e culturais, por este motivo, elas foram divididas em dois períodos históricos conforme veremos a seguir.

### 3.1 EDIFICAÇÕES DO PRIMEIRO PERÍODO - 1920 A 1935

O fim da Primeira Guerra Mundial e a recuperação do preço do café no mercado internacional, impulsionaram a economia do município, possibilitando uma grande

renovação estética com a ampliação dos edifícios já existentes e também a construção de novas edificações em terrenos que vão sendo reparcelados na região central da cidade e nas áreas de expansão urbana. Esta renovação tornou a arquitetura produzida em Muqui mais requintada. Nesse período os construtores locais seguiam os modelos arquitetônicos produzidos na capital federal, o que evidenciou uma produção arquitetônica de inspiração eclética tardia. Destacam-se nessa época os galpões e os sobrados, implantados na Avenida Vieira Machado e no entorno da Praça da Bandeira, mas também foi notória a produção de casas térreas residenciais e casas térreas mistas (HAUTEQUESTT FILHO, 2019).

Deste período, baseado na proporção do quantitativo total de edificações existentes na cidade, foram inventariadas oito casas térreas residenciais, quatro casas térreas mistas, e seis sobrados. A partir do inventário foi possível realizar a soma das áreas totais de cada setor conforme se verifica na Tabela 1. Com esta soma é possível aferir que o setor de convívio na tipologia casa residencial térrea possui área média que equivale a 31% da área total das residências, nas casas térreas mistas este número cai para 28% e nos sobrados aumenta para 41%. Tais dados confirmam que a importância deste setor nos sobrados é muito maior do que nas outras tipologias, o que reforça a prática do “bem receber” das famílias mais abastadas da cidade.

Tabela 1: áreas médias e valores percentuais dos setores das casas residenciais térreas, casas térreas mistas e sobrados pertencentes ao primeiro período.

SETOR	CASA TÉRREA RESIDENCIAL		CASA TÉRREA MISTA		SOBRADO	
	ÁREA	%	ÁREA	%	ÁREA	%
Convívio	43 m <sup>2</sup>	31%	34 m <sup>2</sup>	28%	109 m <sup>2</sup>	41%
Íntimo	60 m <sup>2</sup>	43%	59 m <sup>2</sup>	49%	105 m <sup>2</sup>	40%
Serviço	22 m <sup>2</sup>	16%	21 m <sup>2</sup>	17%	45 m <sup>2</sup>	17%
Convívio/serviço	14 m <sup>2</sup>	10%	7 m <sup>2</sup>	6%	6 m <sup>2</sup>	2%
Comercial	-	-	68 m <sup>2</sup>	36%	272 m <sup>2</sup>	51%
Área média da residência	139 m <sup>2</sup>	100%	121 m <sup>2</sup>	100%*	265 m <sup>2</sup>	100%*

\*Obs. 1: a área do setor comercial não foi utilizada para as bases de cálculo das porcentagens dos setores diretamente relacionados ao uso residencial. Considerando o setor comercial, a área média das casas térreas mistas é de 189 m<sup>2</sup> e dos sobrados é de 537 m<sup>2</sup>.

Se considerarmos os cômodos que tinham sobreposição de funções de convívio e serviços nas casas residenciais térreas, eles atingiam 10% em relação a área total das residências, nas casas térreas mistas 6% e nos sobrados 2%. A quase inexistência de cômodos com sobreposição de funções nos sobrados, demonstra uma melhor organização funcional com a “perfeita” separação dos setores dessas casas.

Quando analisamos o setor íntimo, notamos que os dos sobrados, com 40% da área total das casas, é menor do que nas casas residenciais térreas e que nas casas térreas mistas com 43% e 49% respectivamente. Isto só reforça a maior importância dada ao setor social nos sobrados. Analisado o setor de serviços percebemos que, embora em termos percentuais ele se mantenha equivalente nas três tipologias com 16%, 17% e 17% respectivamente nas casas residenciais térreas, nas casas térreas mistas e nos sobrados, nesta última tipologia citada, sua área total com 45m<sup>2</sup> em média, é mais que o dobro da área média do mesmo setor nas demais tipologias, que possuem 22m<sup>2</sup> e 21m<sup>2</sup>. A diferença na área média deste setor nos sobrados em relação às demais tipologias, também é reflexo deles possuírem uma área construída muito maior, que em alguns casos pode chegar a quase quatro vezes o tamanho das áreas das outras edificações.

### 3.2 EDIFICAÇÕES DO SEGUNDO PERÍODO – 1936 A 1976

Nos anos que seguiram a 1929, a cidade de Muqui sofreu uma grande estagnação econômica, efeito direto da quebra da bolsa de Nova York, culminando em um significativo impacto no setor imobiliário local. Neste período, muitos fazendeiros falidos acabaram vendendo suas terras e casas na cidade e migraram para Vitória, Campos dos Goytacazes ou Rio de Janeiro, fato que levou o município a um esvaziamento populacional e econômico. Após alguns anos, com o aumento do preço do café no mercado internacional, principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial, a cidade passou a crescer novamente, e foi nesse período que ocorreu uma segunda renovação estética na arquitetura com um novo parcelamento de alguns lotes, aumentando ainda mais o adensamento da cidade. Nas reformas e nas novas construções o vocabulário arquitetônico também mudou para o protomodernismo nos anos 1940 e modernismo após o final dos anos 1950 (HAUTEQUESTT FILHO, 2019).

Deste período, também baseado na proporção das edificações existentes, foram inventariadas duas casas térreas residenciais, quatro casas térreas mistas e três sobrados. O que mais nos chamou a atenção neste período, quando comparado ao anterior, foi a redução das áreas totais das edificações em geral, que nos sobrados foi muito mais significativa. Esta redução pode ter sido causada pela diminuição dos fluxos de capitais decorrentes da cultura do café nesta região, que passou a competir com a quase totalidade das demais regiões do território capixaba. Outro fator que também deve ser considerado é a significativa diminuição das áreas das fazendas pelos processos de herança. Quando analisamos os setores de convívio e íntimo, notamos uma equivalência entre eles nas três

tipologias conforme pode ser observado na Tabela 2. Se analisarmos o setor de serviços, notamos que ele tem uma maior importância nos sobrados – com 27% da área total da residência –, do que nas casas residenciais térreas e casas térreas mistas com 15% e 13% respectivamente. É possível que esta diferença esteja ligada ao fato de que as famílias mais abastadas possuíam mais empregados domésticos do que as demais famílias. Mesmo com esta pequena mudança, os sobrados se mantêm como a tipologia com melhor organização funcional, apresentando pouca sobreposição das funções nos três setores, característica que, nesta tipologia, teve ocorrência de apenas 4% do total da área da casa contra 10% das casas residenciais térreas e 13% das casas térreas mistas.

Tabela 2: áreas médias e valores percentuais dos setores das casas residenciais térreas, casas térreas mistas e sobrados pertencentes ao segundo período.

SETOR	CASA TÉRREA RESIDENCIAL		CASA TÉRREA MISTA		SOBRADO	
	ÁREA	%	ÁREA	%	ÁREA	%
Convívio	46 m <sup>2</sup>	35%	31 m <sup>2</sup>	33%	52m <sup>2</sup>	30%
Íntimo	53 m <sup>2</sup>	40%	38 m <sup>2</sup>	41%	66m <sup>2</sup>	39%
Serviço	20 m <sup>2</sup>	15%	12 m <sup>2</sup>	13%	47m <sup>2</sup>	27%
Convívio/serviço	13 m <sup>2</sup>	10%	12 m <sup>2</sup>	13%	7m <sup>2</sup>	4%
Comercial	-	-	12 m <sup>2</sup>	11%	173m <sup>2</sup>	50%
Área média da residência	132 m <sup>2</sup>	100%	93 m <sup>2</sup>	100%*	172 m <sup>2</sup>	100%*

\*Obs. 1: a área do setor comercial não foi utilizada para as bases de cálculo das porcentagens dos setores diretamente relacionados ao uso residencial. Considerando o setor comercial, a área média das casas térreas mistas é de 105 m<sup>2</sup> e dos sobrados é de 345 m<sup>2</sup>.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a arquitetura residencial de Muqui entre os anos 1920 e 1970, foi possível observar que as mudanças no espaço da casa não foram apenas estéticas, relacionadas às modas vigentes na capital federal, que no período variam entre o ecletismo, o protomodernismo e o modernismo. Essas mudanças foram um pouco mais profundas, por refletirem os avanços tecnológicos da época em conjunto com novas necessidades familiares. Para atender às novas demandas, alguns espaços da casa foram ganhando mais importância em detrimento de outros que, em alguns casos, foram completamente modificados e relocados como, por exemplo, as salas de banho que foram transformadas em banheiros e deslocadas do setor de serviços para o setor íntimo.

Neste contexto, as casas residenciais térreas foram as edificações que sofreram as menores modificações no período estudado. Tais alterações foram basicamente estéticas, podendo ser observadas no tratamento das fachadas, na decoração interior e no mobiliário. Já as casas térreas mistas, além de sofrerem em média uma redução de 28m<sup>2</sup>

na residência e de 56m<sup>2</sup> no setor comercial do primeiro para o segundo período, tiveram também uma redução nos setores íntimo e de serviço, com a ampliação do setor de convívio e, também de cômodos que sobrepõe a função de convívio e serviço. O aumento destes cômodos pode indicar um menor interesse pela organização funcional das casas, talvez pela menor disponibilidade de recursos de seus proprietários e também pela utilização de construtores com menor formação técnica. Outro dado que pode comprovar isso, é a redução das áreas médias do setor comercial de 68m<sup>2</sup> para 12m<sup>2</sup> entre os dois períodos. Isto acontece também pelo fato das edificações estarem concentradas em áreas de expansão da cidade e, portanto, menos valorizadas e com menor atividade econômica.

Assim como as casas térreas mistas, os sobrados também sofreram uma significativa redução de suas áreas totais, passando de 537m<sup>2</sup> no primeiro período para 345m<sup>2</sup> no segundo período, em média. A área dedicada à residência foi reduzida de 265m<sup>2</sup> para 172m<sup>2</sup>. Nesta redução, o setor de convívio perde importância passando a ocupar 30% da área da residência, 11% a menos que o primeiro período. O setor íntimo mantém-se estável passando de 40% para 39% e o setor de serviços tem um acréscimo de 10% em sua área total, entretanto, se formos analisar as áreas totais do primeiro período com 45m<sup>2</sup>, para o segundo período, com 47m<sup>2</sup>, notamos que houve a manutenção do tamanho médio do setor. Isso talvez se deva ao fato de que as necessidades espaciais não se alteraram para esses espaços, mesmo com a incorporação dos eletrodomésticos como, por exemplo, o fogão a gás em substituição aos fogões a lenha que ocupavam um espaço muito maior nas cozinhas, o que nos leva a pensar que este espaço economizado pode ter sido ocupado por outros eletrodomésticos como as geladeiras e máquinas de lavar roupa, por exemplo. Além disso, a quantidade de empregados domésticos foi reduzida, diminuindo o tamanho das dependências dos empregados.

A redução das áreas totais das edificações pode se relacionar tanto com a menor disponibilidade de recursos financeiros e pela redução da área dos lotes nas áreas de expansão da cidade, como também pela mudança no perfil das famílias, em especial redução da quantidade de membros e agregados. Prova disso é a redução da quantidade de quartos. Existe também uma mudança no sentido de privacidade, uma vez que os quartos interligados, conhecidos como “quartos de moças”, somem das casas a partir dos anos 1950.

As antigas “salas de banho” que tinham quase sempre a presença de banheiras, se descolam das cozinhas e transformam-se em banheiros, que agora são localizados mais próximos aos quartos. Além da mudança de costumes, esta mudança pode ter se dado

pelo barateamento no custo dos materiais como louças sanitárias e encanamentos que passaram a ser produzidos no Brasil e chegavam à Muqui por via ferroviária. Outro elemento que some das salas de jantar e das copas são os pequenos lavatórios. Azulejos, elementos raramente utilizados nas fazendas de café oitocentistas da região, passam a ser cada vez mais comumente utilizados tanto nas salas de banho e nas cozinhas, como nas copas no primeiro período, sempre à meia parede. No período posterior eles desaparecem das copas e, a partir da década de 1950 passam a cobrir completamente as paredes das cozinhas e banheiros. Neste período surge também um eletrodoméstico que modificará o uso e a disposição do mobiliário das salas: a televisão. Ela também modificará muito costume familiar de se socializar nas copas e nas varandas e alpendres, uma vez que as famílias passam a ocupar por mais tempo o espaço das salas de visitas.

Todas essas mudanças no espaço das casas, ainda que aparentemente pequenas, comprovam a adaptação das famílias urbanas às necessidades que surgiram a partir do advento das novas tecnologias, com o conseqüente surgimento de novos costumes que proporcionaram tais mudanças nas moradias.

Embora o centro histórico de Muqui seja tombado como patrimônio cultural capixaba, atualmente as casas da região tutelada pelo Estado estão passando por um acelerado processo de descaracterização, tanto estética como funcional. Essas modificações não estão acontecendo somente pelas novas necessidades decorrentes das mudanças na forma de morar, mas também são resultantes das alterações nos usos de várias edificações que anteriormente eram residenciais, e passam agora ter o uso exclusivamente comercial. Outro problema verificado é um acelerado processo adensamento da região central com muitas edificações sendo erguidas nos fundos dos lotes, que normalmente são muito generosos, criando servidões. De um lado do eixo ferroviário, essas novas construções avançam sobre o leito do Rio Muqui e do outro avançam sobre os morros, causando sérios impactos ambientais e paisagísticos à cidade.

Essas mudanças sem critérios, permitidas pelas falhas na governança patrimonial tanto por parte da municipalidade, como do Governo do Estado do Espírito Santo, através de sua Secretaria de Estado da Cultura, estão causando impactos negativos no sítio histórico que está sendo aos poucos descaracterizado. E a descaracterização das casas talvez seja a face mais visível deste processo.

Não defendemos o congelamento das edificações no tempo, mas sim que elas sejam modificadas seguindo critérios que permitam a manutenção de seus principais elementos estruturantes, para que seja possível compreender as alterações que

aconteceram nas formas de morar no tempo. Não é apenas a forma e volumetria das edificações que devem ser objeto de preservação, mas também sua implantação, seus afastamentos, sua relação com a paisagem natural e urbana e também sua organização funcional, que pode sim ser adaptada a novos usos, sem, entretanto, perder sua essência. Este estudo poderá ser o ponto de partida para a revisão da legislação de preservação local, entretanto, não basta apenas a criação de leis o que poderá realmente estancar o processo de descaracterização do sítio histórico de Muqui é repensar a gestão do patrimônio na cidade combinado a implementação de um processo de educação patrimonial que seja abrangente e constante.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. Selo Martins, 2008. 242 p.

BRAGA, Rubem. *200 Crônicas Escolhidas: as melhores de Rubem Braga*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record. 2004. 320 p.

BUFFON, José Antonio. *O café e a urbanização do Espírito Santo: aspectos econômicos e demográficos de uma agricultura familiar*. 1992. 373 f. (Dissertação de mestrado em economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

COLQUHOUN, Alan. *Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura*. 1ª. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CORDEIRO, Caio Nogueira Hosannah. *A reforma do ensino de arquitetura e o movimento renovador da educação Brasileira (1930 - 1932)*. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 5, n. 8, p. 13432-13455, ago. 2019. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/2939/2902>>. Acesso em: 23 março 2021.

FOCILLON, Henri. *A vida das formas*. Tradução de Fernando Caetano d Silva. Lisboa: Edições 70, 1988.

GOVERNO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO MUQUY. Decreto nº 3: promulga o código de postura municipais. São João do Muquy, 7 de novembro de 1912. Artigo 3º, § 6º. Pág. 8 verso.

HAUTEQUESTT FILHO, G. C. *Arquitetura urbana do café em Muqui – ES*. Vitória: Milfontes. 2019. 153p.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Contexto. 1996. 83 p.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo. 1979. 158 p.

\_\_\_\_\_. *História da Casa Brasileira: a casa colonial – casas urbanas e rurais – a habitação burguesa*. São Paulo: Nobel. 1985. 194 p.

LEMOS, Carlos et al. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MENDES, Chico; VERISSIMO, Chico; BITTAR, William. *Arquitetura no Brasil: de Dom João VI a Deodoro*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura no Brasil: de Deodoro a Figueredo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2015.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. 9 ed. São Paulo-SP: Perspectiva, 2000. 211 p.

REIS, Henrique. CASTRO, Maria. Arquitetura vernácula e sustentabilidade: arquitetura montessoriana e características vernaculares brasileiras. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 2076-2083, jan. 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/6112/5441>>. Acesso em: 23 março 2021.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Paulo F. Quatro Séculos de Arquitetura. Rio de Janeiro: IAB. 1981. 124 p.

SCHETTINO, Patrícia Thomé Junqueira. A mulher e a casa: Estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX. 2012. Tese (Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2012.

STRÖHER, Eneida Ripoll et al. O tipo na arquitetura: da teoria ao projeto. São Leopoldo-RS: editora Unisinos, 2001. 208 p.

TELLES, Augusto C. da Silva et al. Arquitetura na formação do Brasil. 2 ed. Brasília: UNESCO, Instituto de Patrimônio Artístico Nacional, 2008. 368 p., il.

SÁ, Marcos Moraes de. Ornamento e Modernismo: a construção de imagens na arquitetura. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 146 p.

SULLIVAN, Louis. O ornamento na arquitetura. 1892, tradução: Roberto Grey. Disponível em: <[www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio\\_det&id=6&titulo=repertorio](http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio_det&id=6&titulo=repertorio)>. Acesso em: 03 de janeiro 2019.

VERISSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba. 500 anos da Casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Editouro, 1999. 141 p.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. Tradução de Maria Isabel Gaspar e Gaëtan Martins de Oliveira. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.